

ONDE OS JACARÉS NÃO ANDAM PELAS RUAS: A IMPRENSA E OS MOTIVOS DA REALIZAÇÃO DA COPA DO MUNDO DE 1950 NO BRASIL

GERSON WASEN FRAGA*

RESUMO

Este artigo trata de uma análise sobre os motivos que levaram o Brasil a sediar a Copa do Mundo de futebol de 1950, bem como a forma com que a imprensa brasileira abordou essas motivações. Por meio de um discurso que procurava atribuir aspectos positivos à nossa nacionalidade, tais como capacidade de realização, de organização e de trabalho, procurava-se oferecer um contraponto a um certo senso comum que via o brasileiro como um ser de pouca operosidade, que deixaria “tudo para amanhã”. Ao mesmo tempo, procurava-se passar para o exterior uma imagem de um país desenvolvido e civilizado, plenamente integrado aos padrões de modernidade.

INTRODUÇÃO

Março de 2007. Em um frio início de noite na Suécia, a seleção brasileira de futebol enfrenta o selecionado de Gana. Nas arquibancadas, migrantes dos dois países se misturam a nórdicos que esperam por um belo espetáculo. Na beira do campo, o técnico Dunga comanda seus jogadores vestindo, sobre o agasalho, uma camiseta que divulga a candidatura de nosso país para sediar a Copa do Mundo de 2014. Os que assistem ao jogo pela televisão ouvem repetidamente os comentários do narrador da partida a respeito desse fato. A busca pela criação de um “clima positivo” a respeito da campanha é evidente. Serão necessários investimentos em infra-estrutura, a construção de novos estádios e reformas significativas em outros tantos. Isso para não se falar na segurança, nos transportes, na comunicação, na rede hoteleira, nos locais destinados aos treinamentos... De qualquer forma, a mensagem transmitida procura não deixar dúvidas a respeito do caráter positivo de se sediar tal evento, caso venhamos a ser os

* Professor substituto no Dep. de Biblioteconomia e História – FURG. Doutorando em História – UFRGS.

escolhidos pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA) como o país-sede para aquela futura competição.

Julho de 1950. Após críticas e exaltações, momentos altos e baixos, a seleção brasileira entra em campo para a última partida do Campeonato Mundial de Futebol daquele ano – o primeiro após o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) – contra os uruguaios. Nos dois anos que antecederam aquela partida, não apenas o selecionado, mas o próprio país buscou se preparar à altura para um momento máximo de exposição aos olhos do mundo. Jornalistas internacionais aqui estariam para cobrir o evento, e levariam, por conseguinte, uma imagem do Brasil para seus países de origem. Por isso, várias capitais disputaram entre si o privilégio de receber ao menos um jogo do certame. Na capital federal, construiu-se o maior estádio do mundo, como palco para a celebração de nossa vitória e exaltação de nossa nacionalidade.

Como era de se esperar, à medida que a competição se aproximava, os espaços a ela destinados aumentaram nas páginas da grande imprensa, até chegar a ser assunto obrigatório nos jornais e revistas de maior circulação. Em uma época em que a TV não existia entre nós, era por essas publicações que as imagens de nossos maiores atletas chegavam até a torcida brasileira, que assim poderia associar os nomes que ouvia no rádio a um rosto que se materializava pela fotografia. Contudo, os jornais e revistas da época faziam muito mais do que mostrar aos brasileiros o aspecto físico de seus representantes dentro do campo; também difundiam a idéia de uma unidade chamada Brasil, que agruparia os habitantes do país, independente de seus hábitos, costumes e origens.

Neste artigo, pretendemos oferecer um breve esboço sobre a atuação da imprensa brasileira no que concerne à cobertura da Copa do Mundo de 1950. Com esta análise, pretendemos trazer à luz resultados parciais de uma pesquisa em andamento¹, demonstrando como a cobertura então oferecida extrapolava em muito o aspecto meramente esportivo, sendo, ao mesmo tempo, voltada à construção de uma imagem positiva acerca do próprio país.

MODERNIDADE NA BOLA E NO PAPEL

O país do futebol não surge como tal.

¹ Projeto de doutorado “A questão Barbosa: futebol, nacionalismo e derrota na Copa do Mundo de 1950 através da imprensa escrita brasileira”, desenvolvido no PPGH/UFRGS, sob orientação do professor César Guazzelli. O projeto conta com bolsa do CNPq.

Nossa formação, segundo a História, se dá dentro de um amálgama de elementos diversos, que acabaram por nos conferir identidade e originalidade diante de nossos vizinhos. Em um continente conquistado na língua de Cervantes, fomos um pequeno território colonizado na língua de Camões. Entre nós o nativo não estava obrigado ao pagamento de *mitas* e *encomiendas*, mesmo porque tais obrigações não competem a um povo escravizado. Também entre nós foi inserido um povo de além-mar como em nenhum outro lugar – o que nos torna a segunda maior nação negra em números absolutos –, e também esse povo foi feito escravo. Enquanto o mercantilismo vicejava com vigor na Europa, imbuído de sua noção de acumulação de metais, fornecíamos ao mundo o fruto branco de nossas terras tropicais. No momento em que as nações do velho continente se encaminhavam para a dupla revolução do século XVIII, passamos a encontrar na mineração uma fonte de inserção na economia mundial, como se tivéssemos chegado atrasados ao período anterior. Mas ainda que isto provocasse um deslocamento no eixo de nossa própria economia, passando seu centro de importância do litoral para o interior, continuamos sendo um território único, uma única e especial colônia integrante de um império cujo centro estava além do Atlântico.

Quando a grande onda dos Estados Nacionais chegou nas praias do continente, sua força não foi suficiente para cindir-nos em unidades menores. De colônia e parte integrante de um reino passamos ao *status* de império, ainda que cercados de repúblicas por todos os lados, graças a uma transição em que as armas foram substituídas na maior parte dos locais pela negociação e por uma polpuda indenização, que ao fim das contas acabou ressonando nos cofres ingleses. E nesse *status* continuamos por quase sete décadas. Ao final desse período, quando a instituição do trabalho escravo passou a dar os sinais inequívocos de desgaste, julgamos ser impossível aderir aos novos tempos com aqueles que traziam consigo a marca da “selvageria” das florestas ou do trabalho forçado sob a sombra dos chicotes. Era hora de nos conferirmos algum aspecto de nação civilizada, ainda que fosse no quesito do biótipo humano. Havia que se branquear o Brasil por meio do estímulo à imigração européia.

Assim, a república nascente ao fim do século XIX herda do Império um verdadeiro mosaico de culturas sob uma mesma bandeira. Indígenas tidos como selvagens; negros que sofriam ainda o peso e o estigma da escravidão; colonos europeus, aos quais agora se somavam novas ondas migratórias, trazendo uma diversidade ainda maior de línguas e culturas. Ao mesmo tempo aportava no Brasil a idéia de uma nova forma de vida, imbuída de um sentido de modernidade que

valorizava o cuidado com o aspecto físico e a prática de modalidades esportivas diversas. Assim, surgem no país inúmeras agremiações voltadas a práticas como o remo, a corrida a pé, ou o ciclismo. Aos que preferem emoções sem se cansar, o turfe é uma opção. Aos pobres, quando escondidos do olhar das autoridades, a capoeira. Aos ingleses, em suas fábricas e ferrovias, o críquete e o futebol.

O “esporte bretão” surge assim entre nós como jogo de uma aristocracia migrante. Segundo Joel Rufino dos Santos, o futebol em seus primórdios era “um jogo inglês e de elite: os jogadores eram, na sua esmagadora maioria, técnicos industriais e engenheiros ingleses. Só se falava em *field*, *full-back*, *inside-right*, *referee*, *linesman* e por aí afora. Até 1930, se um jogador se machucasse, o ofensor só pedia desculpas sinceras se fosse em inglês: *I’m sorry*” (SANTOS, 1981, p. 13).

Esse caráter elitista, porém, não logrou perpetuar-se. Por um lado, a constante repressão social à prática da capoeira levava a população de baixos estratos sociais a buscar novas práticas lúdicas que fossem socialmente aceitáveis. Por outro, o avanço da modernização urbana na então capital da República promovida pelo prefeito Pereira Passos, colocando abaixo os cortiços ocupados pelos pobres para a abertura de vias amplas, criava espaços baldios que poderiam ser utilizados de maneira informal em práticas recreativas. Por fim, em contato com seus empregados, os ingleses acabavam, ainda que de forma não-planejada, difundindo o esporte como atividade de lazer, ainda que as diferenças sociais devessem ser preservadas. Um bom exemplo disso está nos primórdios do futebol carioca: Flamengo, Fluminense, Botafogo ou América são em sua origem times freqüentados pela elite. O Bangu, não. Afastado do centro da cidade, o Bangu surge das dificuldades dos dirigentes da empresa de tecidos homônima em realizar partidas apenas entre si, uma vez que faltariam jogadores. A solução foi aceitar os trabalhadores nas partidas. Logo, a aptidão de alguns levou à oficialização do time, que representava o bairro nos campeonatos da cidade, bem como conferia a esses operários certas mordomias no ambiente de trabalho. Segundo Simoni Guedes,

Na verdade, o alargamento das fronteiras urbanas promovido pelo processo de industrialização, criando periferias, subúrbios, onde as fábricas são construídas e para onde acorrem os trabalhadores, provoca também o isolamento da colônia inglesa em Bangu. Esta tinha relativamente poucos membros – apenas técnicos qualificados, importados para ocupar posições centrais no processo produtivo – e possibilidade de circulação limitada, derivada dos obstáculos dos transportes que

dificultavam a manutenção do relacionamento restrito aos outros ingleses no Rio de Janeiro. Ocorre, quase que imediatamente, a incorporação de brasileiros e operários menos qualificados, inclusive mestiços e negros, às partidas informais e, logo, ao clube. Forçados, portanto, pelas condições específicas em que viviam, os mestres ingleses ensinam os brasileiros pobres a jogar futebol (GUEDES, 1998, p. 108).

A popularização do futebol entre a camada social brasileira menos privilegiada, contudo, parece ter alcançado um ápice durante a Copa do Mundo da França, em 1938, a primeira edição desse certame transmitida ao vivo para o Brasil através das ondas radiofônicas, e a figura do craque Leônidas da Silva, àquela altura já uma figura de grande popularidade no país², mobiliza verdadeiras multidões ao pé do rádio, celebrando um resultado final de terceira posição que, ao fim, era nossa melhor participação nas três edições que o torneio tivera até então. Assim, o que era símbolo de modernidade para uma elite e fora apropriado pela coletividade acabava por se transformar em sinônimo de brasilidade.

Tal apropriação, contudo, não havia passado em branco aos olhos da grande imprensa escrita. Com efeito, ao ingressar em sua fase de modernidade, os jornais brasileiros passam a desvincular-se do caráter de imprensa política ou literária que lhes era marcante ao longo do século XIX. A virada do século XX encontra a atividade jornalística no Brasil em um amplo processo de transformação, passando a tratar a informação como mercadoria; financiando-se por meio da publicidade e reinvestindo os lucros na aquisição de melhorias técnicas, e ainda oferecendo espaços diferenciados, com linguagens próprias, para assuntos diversos – o que possibilitava acesso a um público amplo, com interesses igualmente diversificados³.

Contudo, tão importante quanto o processo de modernização por que passa a imprensa brasileira na virada para o século XX é o papel que lhe seria destinado a partir da ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930, em especial após a proclamação do Estado Novo, em 1937. É nesse momento que os grandes jornais sofrem verdadeiro enquadramento por parte do poder político, passando a atuar como instrumentos de divulgação deste e de combate às idéias consideradas

² Segundo pesquisa da época, Leônidas era, juntamente com o cantor Orlando Silva e o presidente Getúlio Vargas, uma das três pessoas mais conhecidas do país. Cf. HOLLANDA, 2004, p. 28.

³ Cf. SODRÉ, 1999. Especificamente sobre a imprensa gaúcha: RÜDIGER, 1998. Para a especialização de linguagens conforme os diversos espaços do jornal, ver DARNTON, 1995.

“alienígenas”, em especial o comunismo. Por meio de seus órgãos de censura e repressão, como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), não apenas controlava o que seria publicado, mas também estimulava a produção de um discurso que enfatizasse a idéia da nação unida ante o perigo que viria do exterior. Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, a nova orientação não foi de todo mal-recebida. Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*, converte-se, do dia para a noite, de liberal ardoroso em admirador do nazismo, enquanto o *Estado de São Paulo*, tradicional órgão da elite agrária paulista, terá Vargas como “o melhor dos amigos” da imprensa (CAPELATO, 1988, p. 49-50). No sul, Breno Caldas, diretor do *Correio do Povo*, estava “satisfeito com o rumo que tomavam os acontecimentos”, pois “eram ótimas as relações com o governo federal” (GALVANI, 1994, p. 335).

Nesse sentido, apresentar a candidatura brasileira para sediar a Copa do Mundo de 1942 parecia um bom negócio. Uma competição internacional de um esporte já amplamente popular àquela altura poderia muito bem ser utilizada como mais um instrumento para sedimentar a idéia de unidade nacional, ao mesmo tempo em que daria oportunidade ímpar de nos colocarmos aos olhos do mundo como nação desenvolvida e civilizada. Um problema, no entanto, se apresentava: nosso concorrente nessa disputa era a Alemanha de Hitler, que havia organizado com sucesso os Jogos Olímpicos de 1936 e que gozava de inegável prestígio político junto aos órgãos decisórios na Europa.

A guerra acabaria por resolver esse problema.

POR QUE UMA COPA DO MUNDO NO BRASIL (EM 1950)?

A retomada dos certames mundiais de futebol apenas foi decidida no ano de 1948, no Congresso da FIFA realizado durante os Jogos Olímpicos de Londres. Com a Alemanha proibida de participar de competições internacionais, restava a candidatura brasileira como sendo a única.

Como primeira medida, prometeram os organizadores levantar, em tempo recorde, não apenas um estádio digno para o evento, mas o maior até então construído. A obra, iniciada em agosto de 1948, ocorreu em ritmo acelerado, mobilizando operários vindos de todas as partes do país. Uma grandeza desnecessária? Talvez não.

O desporto, e especialmente o futebol nos últimos anos, desempenha o papel de compensação simbólica, na medida em que proporcione e

satisfaça os desejos imediatos da deperiferização do país. Também por isso se compreende a substituição dos investimentos nas prioridades sociais pelas obras de prestígio nacional e internacional, na construção de estádios e na realização de provas internacionais (GOMES; FREITAS, 2002, p. 3).

Dessa forma, não apenas a construção de um estádio de proporções gigantescas, mas a própria realização do maior evento do futebol mundial objetivava criar uma imagem positiva do Brasil aos olhos do mundo. A presença de repórteres de diferentes nacionalidades deveria assim materializar a construção de tal imagem de modernidade e civilidade da nação, sendo o Maracanã apenas o primeiro símbolo dessa nova condição. Nesse sentido, é significativa a publicação, por parte da revista *O Cruzeiro*, de comentários do jornalista francês Jean Eskenazi, chefe da equipe do *France Soir*, à época a maior tiragem editorial da imprensa francesa, ao conhecer o estádio do Maracanã:

Que fabuloso espetáculo perderam os jogadores franceses! Eu sei que jamais se consolarão... Não estiveram no estádio mais lindo que eu jamais vi, dentro do qual não se acredita que seja tudo realidade, mais parece um sonho fantástico de Salvador Dali... Ou melhor ainda, um estádio que causa êxtase, como se ainda a gente estivesse diante da *maquette* do arquiteto, não se podendo imaginar que chegue a ser um dia real, palpável e vivo! E com quanta vida! (*O Cruzeiro*, 15 jul. 1950, p. 24-25).

Assim, a vitória era apenas um – embora o maior – objetivo. Mostrar civilidade, organização, urbanização – modernidade, no fim das contas – são também resultados esperados com a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil. Não por outro motivo, várias cidades passam a disputar a primazia de ser sede de algum dos jogos que aconteceriam pelo certame. Sedar uma partida equivaleria a entrar para o mapa, ganhando destaque dentro e fora de nossas fronteiras. Ao fim, além do Rio de Janeiro e de São Paulo, foram escolhidas Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e Recife. Tendo em vista que seus nomes e suas imagens correram o mundo por meio dos jornais, é compreensível o comentário da imprensa escrita soteropolitana a respeito da exclusão de Salvador do rol das cidades que receberiam ao menos uma partida que fosse do magno certame:

Por que não deram à Bahia um estádio a altura de seu conceito no país? Em que ficaram as promessas no sentido de Salvador ser também conhecida no mundo inteiro como uma cidade onde não há onças ou cobras nas ruas? Vejam a propaganda que jogadores suíços e

jugoslavos, ingleses e norte-americanos já fizeram de Belo Horizonte. Não pensavam que além do Rio e de São Paulo houvesse outro centro civilizado no Brasil. E irão dizer que em Recife, em Curitiba e em Porto Alegre também não há bichos voadores e mordedores ou índios nas ruas (*A Tarde*, 27 jun. 1950, p. 5).

A Copa, porém, também servia para o reforço de laços de coexistência entre os próprios brasileiros. A realização do evento em nossos domínios acabava por irmanar o povo ao redor de um mesmo objetivo. Se desde a conquista do terceiro lugar em 1938 sabíamos das condições possíveis de vitória em uma disputa dessa magnitude, a oportunidade que se abria com a vinda da Copa do Mundo para o Brasil naquele ano apontava para uma possibilidade ímpar em tal sentido. Esta seria uma chance de unificar o país, quem sabe pela primeira vez, em torno de um mesmo sentimento, levado aos seus quatro cantos pelas ondas do rádio e pelas páginas da imprensa. Sob o branco e azul de nosso uniforme⁴ encontraríamos a homogeneização e a identidade que até então a História nos negara. Poderíamos, por fim e ao nosso modo, alcançar um dos três quesitos básicos que, segundo Eric Hobsbawm, existiam desde o século XIX para que um povo fosse firmemente classificado como nação: a capacidade provada para a conquista⁵.

Queremos – paulistas, gaúchos, cariocas, pernambucanos, baianos, capixabas, barriga-verdes, praianos ou do interior – brasileiros todos, pura e simplesmente, o triunfo integral do Brasil, sejam os jogos disputados em Maracanã ou no Pacaembu, nos Eucaliptos ou em qualquer confim da nossa terra (*Correio do Povo*, 5 jul. 1950, p. 10).

A criação desse sentimento comum remete logicamente à idéia de nações enquanto “comunidades imaginárias” desenvolvido por Benedict Anderson (1989). Podemos não saber quem são exatamente os milhões de pessoas que comungam de um mesmo sentimento ufanista naquele momento, mas temos certeza de sua existência e a materialização nas ruas de manifestações de fervor patriótico nos comprova tal fato. Ou, para retornarmos a Hobsbawm (1998, p. 171), “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um

⁴ O tradicional “uniforme canarinho” somente é adotado após a derrota para o Uruguai em 1950.

⁵ HOBBSAWM, 1998, p. 49. Os outros dois quesitos são a associação histórica com um Estado existente ou de passado recente e razoavelmente durável, e a existência de uma elite cultural longamente estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativo e literário escrito.

time de onze pessoas com nome”.

A criação desse sentimento passa, em certa medida, pela ação da imprensa escrita, instituição com capacidade de divulgar, em um texto pretensamente neutro, sentidos e sensações que se espalham pelo tecido social, formando aquilo que comumente conhecemos como “opinião pública”. Moto contínuo, mas em sentido contrário, a imprensa também divulga a mobilização que se cria em torno do acontecimento, retroalimentando assim um sentimento que pode em parte ser gerado a partir de suas próprias ações e interesses. “Tudo agora, pois, é futebol, somente futebol. Nem mesmo a política interessa. Nem mesmo as reivindicações de salários, a questão do tabelamento dos gêneros alimentícios, nem as danças terríveis de Luz del Fuego” (*A Tarde*, 26 jun. 1950, p. 10).

Talvez um dos mais interessantes aspectos constantes nos textos de diversos periódicos acerca da realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil seja o que se refere à capacidade de organização e realização de objetivos por parte do povo brasileiro. Tal fato não deve nos surpreender se tivermos em mente que, a essa altura, obras como *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* ou *Macunaíma* já expunham ao país, cada uma ao seu modo, o retrato de um povo indolente, composto por três raças tristes que, miscigenadas e expostas à ação dos trópicos, resultariam em uma população marcada pela pouca operosidade. Fruto de uma cultura de bacharelismo, seríamos um povo pouco dado a grandes realizações, preferindo a acomodação ao empreendedorismo.

Talvez tenha sido esse um dos maiores desafios embutidos na organização da IV Copa do Mundo: enfrentar o senso comum que o brasileiro possuía a respeito de si próprio. Seríamos capazes de levar a bom termo as obras necessárias? Seria possível que em meio a uma pretensa cultura de passividade conseguíssemos organizar um evento de proporções gigantescas e internacionais? O trecho abaixo pode ser revelador sobre alguns aspectos importantes:

Sobre a organização do Campeonato Mundial de 1950, externou-se M. Rimet com evidente satisfação.

– O Brasil é o país dos contrastes – disse ele. Quando a gente entra na sede da Confederação Brasileira de Desportos em certas horas, fica espantado com a quantidade de pessoas que lá se encontram em algazarra e aparentemente em tremenda confusão. Tem-se a impressão de que falam mais do que trabalham. Sorriu francamente o mundialmente estimado presidente da entidade máxima do futebol internacional, antes de prosseguir.

– Devo lembrar a piada internacional sobre o emprego da palavra “amanhã” no Brasil. “Vamos deixar para amanhã”. No entanto, a

organização do campeonato de 1950 veio desmentir completamente essa anedota. Devo constatar, com satisfação, que a organização que a CBD deu ao presente Campeonato do Mundo é perfeita. Não há queixas dos concorrentes. Não houve, até hoje, um incidente a lamentar. A competição vem se desenrolando do modo mais feliz, com extraordinário sucesso desportivo e financeiro. Não se pode pedir mais... (*Correio do Povo*, 9 jul. 1950, p 16).

Há, em primeiro lugar, evidente satisfação pelo reconhecimento público que o dirigente maior do futebol mundial, Jules Rimet, faz à organização do torneio, fato que vai de encontro aos estereótipos acerca da capacidade organizacional do povo brasileiro. Ao mesmo tempo, porém, é o próprio Rimet que não apenas traz à tona a existência de uma anedota de circulação internacional acerca de tal estereótipo, como ainda a exemplifica anteriormente através do próprio cotidiano da entidade maior de nosso futebol. Há, portanto, um sentido verdadeiramente maior na realização da Copa de 1950 no Brasil: desmentir uma imagem de apatia e, principalmente, provar ao mundo nossa capacidade de materializar grandes feitos e, num momento posterior, de grandes conquistas.

É importante, porém, que se diga que nem todos os intelectuais brasileiros compactuavam com essa imagem estereotipada que nos transformaria em heróis sem caráter. Tomemos como exemplo um trecho de crônica publicada um ano antes na revista *O Cruzeiro*, intitulada “O calor e o trabalho”, de Rachel de Queiroz (1949, p. 98):

De 38° a 40° à sombra tem sido a temperatura do Rio em muitos dias deste verão de 1949 (...). E nessa fornalha viva assim mesmo os homens labutam. Erguem paredes, misturam massa, soldam aço, derretem asfalto, britam pedra, varrem ruas, descarregam navios, capinam o chão e cavam a terra. Homens mal alimentados, mal agasalhados, que sofrem de doenças mal curadas, que não se sentem em segurança em relação a si próprios nem em relação aos seus. São esses os mestiços indolentes das anedotas e dos livros de viagens, esses os caboclos do “prantando dá”. Quando o corpo pede apenas sombra, refresco e sesta, enquanto os chamados brancos se não sobem para Petrópolis, se refugiam nos cinemas refrigerados, se amontoam nas confeitarias tomando toneladas de sorvete, eles mourejam ao sol. A patroa num *deux-pièces* de piquê branco deita-se na rede da varanda e pede uma cajuada geladíssima; enquanto isso ao mormaço escaldante, abrigada do sol apenas por um pedaço de folha de zinco, a sua lavadeira esfrega roupa numa tina e tira água aos baldes do poço de quatro metros.

Havia, assim, um último objetivo a ser alcançado através da Copa do Mundo de 1950 no Brasil: a supressão de preconceitos que

trazíamos de nossa própria formação como nação. E isso seria apenas possível com a conquista do título máximo, uma vez que o esporte há muito não era mais exclusividade de brancos bem-nascidos. Uma rápida olhada na foto de nossos jogadores servia para mostrar a diversidade de origens étnicas de nossa gente: Barbosa, Juvenal, Bauer, Danilo, Bigode e Zizinho – mais da metade do time, portanto – eram negros ou mestiços, e sua conquista seria a conquista de todo o povo brasileiro. A vitória na última partida representaria uma oportunidade de conagração nacional como não houvera até então. Não mostraríamos apenas ao mundo, mas a nós mesmos, como a um espelho, que nossa formação histórica não era sinônimo de incapacidade, e que a famosa indolência de nossa gente estava mui distante de corresponder à verdade.

Ou assim imaginávamos que seria.

CONCLUSÃO

A realização de uma competição esportiva de grandes dimensões é um acontecimento que ultrapassa em muito o aspecto meramente esportivo. É também um momento em que nações diversas surgem e são postas à prova umas contra as outras, medindo seus méritos e virtudes, mas também as condições que lhes permitem trilhar com maiores probabilidades os degraus que conduzem ao nicho dos vencedores. Ao mesmo tempo, tais eventos permitem aos povos verem-se a si mesmos, através daqueles que os representam, vestidos com as cores e símbolos que identificam toda uma ampla comunidade de pessoas. Como se possuíssem um mandato formal, os atletas são, naquele momento, a própria nação⁶.

A forma como essa percepção é criada, entretanto, é perpassada pela ação da imprensa, em especial a esportiva, que não apenas leva os fatos ao seu público, mas ao mesmo tempo lhes atribui uma série de sentidos e significados, correspondentes a momentos específicos de nossa história como nação. A realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil, dessa forma, não representava apenas a possibilidade de sediarmos um evento de grandes dimensões no país, mas também de mostrarmos ao mundo e a nós mesmos que éramos capazes de tal proeza. Contrariando a perspectiva de uma “algazarra” generalizada (para retomar a expressão de Jules Rimet), provaríamos a todos e a nós mesmos nossa capacidade de organização, nosso grau de civilidade e

⁶ Lembremos aqui, entre outros exemplos possíveis, a definição de Nelson Rodrigues (1994), para quem a seleção brasileira de futebol seria a própria “pátria em chuteiras”.

nossa inserção definitiva em um mundo moderno. Provaríamos ao mundo que aqui, onde os jacarés não andam pelas ruas, fomos capazes de construir o maior estádio de futebol do mundo, palco máximo de um evento que ao fim deveria – segundo nossa perspectiva – celebrar também nossa vitória.

No entanto, o título tão esperado não veio, e, em que pese ter sido a nossa melhor participação em torneios dessa natureza até então, a derrota acabou por reforçar uma série de preconceitos já existentes em nossa sociedade. Segundo as explicações formuladas, perdemos por ser “indolentes, mascarados, vira-latas, um povo de mestiços”. Mas isso já é um outro assunto.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- A TARDE. Salvador, 26 jun. 1950.
- _____. 27 jun. 1950.
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.
- CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 5 jul. 1950.
- _____. 9 jul. 1950.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GALVANI, Walter. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- GOMES, Rui; FREITAS, Marisa. A construção da identidade nacional na imprensa desportiva portuguesa: análise do discurso jornalístico durante o Euro 2000 de futebol. In: *Revista Digital Efdeportes.com*. Buenos Aires, ano 8, n. 48, maio 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd48/jurnal.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2002.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: ensaios antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Eduff, 1998.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- HOLLANDA, Aurélio Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernidade, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 15 jul. 1950.
- QUEIROZ, Rachel de. O calor e o trabalho. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 98, 5 fev. 1949.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.